

ARTIGO**AS INTERFERÊNCIAS DA MONOCULTURA DO EUCALIPTO EM
COMUNIDADES COM POTENCIAL TURÍSTICO NO NORTE DO ESPIRITO
SANTO: O CASO DE BARRA DO RIACHO**

Marcelo Ribeiro¹, Ana Beatriz Macedo da Silva²

RESUMO

O plantio do eucalipto no norte do Estado do Espírito Santo teve uma série de consequências negativas para a região. Este artigo tem como objetivo apresentar de forma concisa que a monocultura do eucalipto causou um bloqueio nas possibilidades turísticas na comunidade de Barra do Riacho, município de Aracruz. Em sua metodologia, trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo, utilizando-se em seu delineamento fontes bibliográficas, documentais e pesquisa de campo por meio da aplicação de entrevistas. O resultado é a constatação de que Barra do Riacho possuía um cenário que atraía visitantes, tendo o turismo como uma potencial atividade econômica antes da monocultura do eucalipto, e se à época fosse assim considerado poderia ter feito frente à industrialização no processo de desenvolvimento local. Mostra ainda que com a interferência do poder público, o turismo ainda pode existir na comunidade como uma alternativa para os moradores e amenizar as transformações ocorridas.

Palavras-chave: turismo litorâneo, monocultura do eucalipto, Barra do Riacho.

ABSTRACT

The planting of eucalyptus in northern Espírito Santo state had a number of negative consequences for the region. This article aims to present concisely the Eucalyptus monoculture caused a blockage in the possibilities of tourist community Riacho, municipality of Aracruz. In its methodology, it is a survey of exploratory and descriptive, using library resources in their design, documentary and field research through interviews application. The result is the finding that Riacho had a setting that attracts visitors, with tourism as a potential economic activity before the monoculture of eucalyptus, and the time was well considered could have done in front of the industrialization process of local development. It also shows that with the interference of government, tourism may still exist in the community as an alternative for residents and mitigate the changes occurred.

Keywords: coastal tourism, monoculture eucalyptus Riacho.

¹ O autor é graduado do curso de turismo pela Faculdade Estácio de Sá em Vitória – ES.

² Orientadora. Turismóloga e especialista em gestão ambiental. Professora do curso de turismo da Faculdade Estácio de Sá de Vitória - ES.

1 INTRODUÇÃO

A monocultura no Brasil está presente desde a época do Brasil colônia com a cana-de-açúcar. No Espírito Santo a monocultura do eucalipto se faz presente desde a década de 1960 dentro da política de industrialização do estado e como alternativa de substituição da monocultura do café na economia capixaba. Esta prática está associada a produzir não para si mesmo, mas para um mercado mundial. Sendo assim, forma uma estrutura de poder transformando áreas de produção diversificada em latifúndios e alterando o entorno destas plantações.

Com esse objetivo foram adquiridas terras no norte do estado. Primeiro no município de Aracruz e depois nos municípios de Conceição da Barra e São Mateus. Hoje encontramos o plantio do eucalipto em várias regiões do estado. Mas é no norte do Estado que se concentra a maior plantação de eucaliptos, alterando a paisagem e provocando o empobrecimento no solo e nos hábitos das comunidades desta região.

Este é o caso de comunidades como Barra do Riacho, localizada no município de Aracruz, uma vila de pescadores que atraía os visitantes e turistas nos períodos de férias e finais de semana, os quais chegavam à procura de praia, natureza e do bucolismo promovido pela população local. Com a monocultura do eucalipto e a instalação de uma fábrica de celulose no local, as características geográficas, sociais e ambientais de Barra do Riacho foram alteradas e os visitantes e turistas sumiram gradativamente.

Esse trabalho investigou em sua questão central como a monocultura do eucalipto interfere no potencial turístico de uma comunidade. Teve como objetivo analisar o cenário turístico de Barra do Riacho e a percepção dos atores locais a cerca do turismo e das transformações decorrentes da monocultura.

Como procedimento metodológico, foi realizado um estudo exploratório acerca dos pressupostos teóricos que balizam os impactos da monocultura e potencial turístico, cujo delineamento foi através da pesquisa bibliográfica e documental. Na segunda

fase foi realizado um estudo descritivo cujo instrumento de coleta utilizado foi a entrevista semi-estruturada dirigida a antigos moradores da comunidade investigada e ao representante da Secretaria de Municipal de Turismo de Aracruz.

Para a análise, os dados foram interpretados e feito um cruzamento permitindo perceber as relações entre as várias categorias de informações, bem como uma leitura mais ampla desses dados, confrontando-os com os conceitos teóricos.

Esta pesquisa traz como contribuição a demonstração dos efeitos relacionados à monocultura do eucalipto na comunidade Barra do Riacho. Tentando mostrar que a monocultura não promoveu a economia local e o bem estar da população e sim aumentou os efeitos negativos sócio-ambientais, e por fim, argumenta que o turismo seria um diferencial competitivo na comunidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O TURISMO LITORANEO

Vários autores já externaram a importância do turismo para o indivíduo. Numa época onde o trabalho constitui o centro das preocupações, cada vez mais as pessoas percebem que o aproveitamento do tempo livre torna-se necessário para o bem-estar humano. Graças a esse entendimento individual, o turismo ganha força na sociedade e na política “a importância e o significado do turismo no mundo tem crescido de forma tão expressiva que vem dando a esta atividade lugar de destaque na política geoeconômica e na organização espacial [...]” (CORIOLANO, 1998, p.9).

Dentro das vertentes do turismo de lazer o litorâneo ocupa um grande espaço, principalmente nos países que apresentam o clima tropical, equatorial e temperado, já que o que influencia nessa modalidade é o mar e o sol. Para Gazoni (2003, p.111) turismo litorâneo é:

Fenômeno surgido dos deslocamentos provisórios de pessoas para as áreas costeiras, motivadas principalmente por lazer e recreação. O turismo litorâneo aparece quando ocorre a valorização social de alguns recursos naturais presentes, principalmente as praias. A base do turismo litorâneo se fundamenta no consumo desses recursos existentes nas destinações. É importante observar que as condições naturais que hoje configuram o destino sempre existiram, porém, não lhes era dado anteriormente nem a valorização social nem a possibilidade de usá-las.

Durante séculos, o mar provocou um verdadeiro temor às populações. Segundo Freitas (2007, p.109-110), só por volta de 1750 o mar passa a ser usado como princípios terapêuticos e na cura de doenças. No final do século XVIII o aumento dessa procura faz com que o litoral transforme num local de atração e divertimento para as classes mais elevadas da sociedade.

Coriolano (1998) confirma isso ao dizer que o turismo para o banho de mar no Brasil teve seu início no Rio de Janeiro ficando restrito a esse local por muito tempo. Só mais tarde atinge o sudeste e sul chegando a todo o Brasil. De acordo com o Ministério do Turismo (2008, p.16), “[...]. Atualmente o nordeste destaca-se como principal destino de Turismo de Sol e Praia do país, principalmente por suas características climáticas de sol e calor o ano todo”.

Ainda segundo Coriolano (1998, p.98):

[...] o turismo costeiro é atualmente um dos signos mais vendidos aos países emissores de fluxos turísticos, “consumidores” das belezas naturais, quando as praias ensolaradas, com toda a valorização dos ambientes litorâneos, transformam o Mediterrâneo, o Caribe, as costas da Flórida, da Califórnia e do Brasil em zonas turísticas.

A partir da segunda metade do século XX várias comunidades litorâneas transformaram-se em destinos turísticos no Brasil. Muitas delas descobertas por pessoas em viagens de lazer e veraneio vindas de centros urbanos a procura de um lugar diferente de onde vivem permitindo assim ganhar fôlego para as suas rotinas diárias. Já que não havia uma estrutura de hospedagem, surgem as segundas casas, uma modalidade de alojamento para uma população com poder de possuir

outra residência e também uma alternativa de investimento (SEABRA apud CORIOLANO, 1998).

O turismo litorâneo está associado diretamente às belezas naturais, perfeito para as férias com lindas paisagens, eventos recreativos e esportivos, ecossistemas preservados e uma boa comida baseada em peixes e frutos do mar. Quanto maior a beleza do local mais pessoas irá atrair. Para Tulik (apud CORIOLANO, 1998, p.114), “os recursos naturais só podem ser considerados recursos turísticos quando passam a ser explorados para tal fim”.

Um estudo realizado mostra que parte da população do mundo costuma tirar férias próximas de locais relacionadas com água, como praias, próxima de lagos, estâncias hidroviárias ou locais do gênero (SODRÉ)³. O turismo litorâneo é um dos segmentos mais praticados no Brasil em função das lindas praias existentes em 8.500 km de litoral. De acordo com o Ministério do Turismo (2008), cerca de 60 a 65% da demanda mundial de turista busca sol e praia, o que gera uma concentração muito grande nestes destinos.

Em muitos casos a transformação do local em pólo receptor, traz desenvolvimento econômico e social, estimula a preservação do meio ambiente, ajuda na auto-estima da comunidade, valoriza a criação artística, ressalta o sentido de união fazendo com que os moradores sejam agentes em busca do desenvolvimento local frente ao desenvolvimento global. Coriolano (1998. p.140) diz:

O incentivo ao turismo não significa torná-lo uma atividade única na região, mas fortalecer todas as atividades econômicas anteriores, sobretudo a agricultura, a pesca e o artesanato, para assegurar a sustentação do turismo; assim, o turismo deverá ser apenas mais uma opção econômica.

No turismo ocorre uma troca que não precisa ser necessariamente ruim entre o receptor e o turista. Em muitas comunidades que não optaram pelo turismo no passado e permitiram que outra indústria fosse implantada na região, hoje sofrem

³ Disponível em <http://www.revistaturismo.com.br>. Acesso em 25 mai. 2009.

consequências gravíssimas. Os grandes projetos industriais na sua maioria não levam em consideração o desenvolvimento humano e social do local onde são implantados. Segundo a EMBRATUR (apud CORIOLANO, 1998), no Brasil sabe-se que 52 setores da nossa economia são diretamente impactados pelo desempenho da indústria turística, com reflexos consideráveis, diretos e indiretos, sobre a geração de empregos.

2.2 A PROBLEMATICA DO EUCALÍPTO NO NORTE DO ESPÍRITO SANTO

A cada dia que passa cresce a preocupação socioambiental no mundo. Isso devido à constatação de que não haverá futuro para o homem se continuarmos a promover a destruição ambiental e humana na terra. Essa destruição não é só promovida por desmatamento para uso da madeira para vários fins ou uso da terra para grandes empreendimentos imobiliários, mas também por introdução de novas espécies numa vegetação primária. Segundo Dean (1989, p.1), isto ocorre no Brasil desde o descobrimento com vinda de novas espécies de Portugal e suas ilhas:

[...] Além disso, essas espécies e outras que se seguiram atuaram diretamente sobre os ecossistemas, modificando-os e, às vezes, simplificando-os drasticamente. O grande reino neotropical da natureza foi transformado para sempre.

Como tantas espécies, veio o eucalipto para o Brasil. Ele é originário da Austrália e segundo a EMBRAPA⁴, foi introduzido no Brasil em 1825 com evidências de que as primeiras arvores teriam sido plantadas no jardim botânico do Rio de Janeiro. A princípio era utilizado como planta ornamental, e a partir do início do século XX o *Eucalyptus Globulus* originário de Portugal teve o seu uso destinado a várias utilizações como dormentes e lenha para as marias-fumaça, carvão vegetal, móveis, construção civil e celulose.

⁴ Disponível em <http://www.cnpf.embrapa.br/>. Acesso em 05 mai. 2009.

Com a criação da Lei 5.106 de incentivo fiscal ao reflorestamento de 1966, uma grande área no Brasil teve o plantio do eucalipto já que a lei permitia o agricultor aplicar 50% do imposto de renda em reflorestamento. Mas o que é reflorestamento? “[...] Reflorestar é, na verdade, trazer de volta a floresta original, nativa, com biodiversidade, perenidade e complexidade” (BRACK, 2007, p.2). O eucalipto não é originário e nem nativo do Brasil.

Conforme o próprio governo do Estado informa em seu site⁵, o Espírito Santo passou por uma transformação na sua economia na década de 1960, deixando a monocultura do café para promover incentivos fiscais na implantação de grandes projetos industriais. Neste contexto, em 1967, o grupo Aracruz se instala no norte do estado no litoral do município de Aracruz, inicialmente com uma unidade registrada como Aracruz Florestal S.A. “A companhia logo empreendeu a compra de terras, começando pelo município de Aracruz e depois abrangendo os municípios de Conceição da Barra e São Mateus” (YACOOUB)⁶.

Desde o plantio do eucalipto no norte do estado em forma de monocultura, vários problemas começaram a surgir na região. O grupo Rede Alerta Contra o Deserto Verde⁷ mostra esses problemas em um relatório publicado em 2002 sob o tema “Violação de Direitos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais na Monocultura do Eucalipto – A Aracruz Celulose e o estado do Espírito Santo, Brasil” – segundo o relatório:

Qualquer estudo sobre o impacto do desenvolvimento de uma monocultura de grande escala mostrará que ela intensifica e expande a fronteira das áreas plantadas e gera um brutal impacto sócio-ambiental, o qual é agravado em se tratando de uma economia empresarial corporativa, que se apropria do espaço natural e das políticas governamentais como um patrimônio (p. 3).

Ainda de acordo com o relatório (2002, p.14), “[...]. O otimismo inebriante diante da pretensa modernidade foi acompanhado da tentativa de soterrar e ocultar as

⁵ Disponível em <http://www.es.gov.br>. Acesso em 09 jun. 2009.

⁶ Disponível em <http://www.adital.com.br>. Acesso em 17 mai. 2009.

⁷ Ampla rede da sociedade civil preocupada com a contínua expansão das plantações de eucalipto.

consequências ainda hoje incalculáveis para o meio ambiente e a sociedade civil”. A questão é que existe um grande debate tendo de um lado os que acham que a monocultura do eucalipto no norte do estado não deve ser responsabilizada pelas questões que atingem a região e, do outro, estão aqueles que afirmam que ela é a responsável pela problemática gerada na região.

A empresa sempre esteve envolvida em denúncias graves de ter promovido a destruição da Mata Atlântica: “A partir de 1967 começa uma nova era para o município de Aracruz, com a chegada da empresa multinacional Aracruz Celulose. Essa desmatou o que restara da devastação anterior da Mata Atlântica [...]” (COUTINHO, 1994, p.6).

Durante 40 anos os povos indígenas do município de Aracruz viveram sérios conflitos com a empresa pela recuperação de suas terras onde estavam plantações de eucalipto. Esta disputa acabou em 2008 com o reconhecimento e retomada das terras pelos índios que foram expulsos pela empresa. Segundo o Senhor Eugênio Francisco, para expandir as suas monoculturas:

Quando a empresa chegou saíram, não podiam enfrentar, mandavam sair, até ameaçavam, um ia para um canto, outro pra outro canto. A empresa tomou conta de tudo, eles davam algum dinheiro, porque pagar mesmo, eles não pagavam. Os índios são bobos, não conheciam nada. O dinheiro não dava para nada. Só não entraram em Pau Brasil porque os moradores achavam que era deles mesmo a terra⁸.

Para Coutinho (1994, p.6), com a imigração desordenada, surgiram grandes problemas sociais como prostituição, assassinatos e roubos nas comunidades do entorno. Principalmente para Barra do Riacho que está a 1,5 km da fábrica:

Em 1980 foi fundada a Associação Comunitária de Barra do Riacho (ACBR) pelos moradores sob a coordenação do Prof. Dr. José Maria Coutinho e do Advogado Dr. Jurandir Ângelo, para evitar a continuação do massacre que Barra do Riacho estava sofrendo com a implantação da fábrica de Aracruz Celulose de 1975 – 78, o que trouxe 12.000 homens para a montagem e construção do porto de exportação da celulose.

⁸ Depoimento de Eugenio Francisco, tupiniquim da Aldeia de Lancha ao Grupo Técnico 0783/94 da FUNAI, Brasília, 1997. Segundo relatório da Rede Alerta contra o Deserto Verde.

A situação da monocultura do eucalipto também é conflitante com a comunidade negra, os remanescentes dos quilombos nos municípios de São Mateus e Conceição da Barra. Segundo Yaccoub (2005), a região possui a maior concentração de negros rurais do estado e que sofrem os impactos da monocultura a mais de 40 anos, pois ficaram ilhados entre os eucaliptos tendo que conviver com venenos que são utilizados pela empresa na plantação, inviabilizando assim a agricultura de subsistência e a criação de animais, tendo que utilizar restos de madeira da empresa para produzir carvão como uma forma de sobrevivência, e em muitos casos sair da comunidade para os centros urbanos aumentando os bolsões de pobreza. Segundo o grupo Rede de Alerta Contra o Deserto Verde, em seu relatório (2002, p.26) a substituição da Mata Atlântica pela monocultura transformou radicalmente o modo de vida dessa população:

Esta situação das comunidades negras manteve-se por muito tempo, prevalecendo o modo de vida rural, de produção familiar e tradições religiosas. A violenta chegada da Aracruz Celulose isola as comunidades negras rurais, expulsa a população para as periferias urbanas, promove intensa fragmentação familiar, destrói o material usado para o artesanato, envenena a pesca, afugenta a caça, esvazia os festejos, transfigura os costumes e religiões. O direito à cultura foi e continua sendo violado.

Existem também questionamentos na área ambiental como o deserto verde que está se transformando a região, desvio de rios para atender a interesses da empresa, crise na pesca com a diminuição do peixe provocada pelos efluentes industriais.

2.3 BARRA DO RIACHO: ASPECTOS GERAIS

Barra do Riacho está localizada no distrito de Riacho, Município de Aracruz (SANTANA, 2006). Fica cerca de 30 km da sede do município pela rodovia ES 257 e 85 km de Vitória pela rodovia ES 010. Possui três acessos, sendo um ao sul, outro ao norte e outro a oeste sendo que este último não é asfaltado e nem sinalizado. É cortada pelo rio Riacho que desemboca na comunidade dando assim origem ao nome do lugar. Rio que já garantiu o sustento dos moradores.

De acordo com Santana (2006), a comunidade que era basicamente pesqueira onde todos se conheciam e tinham hábitos simples como ir à igreja; assistir uma partida de futebol do time local (Riachuelo) aos domingos; se reuniam nas festas de São Sebastião padroeiro da igreja em Janeiro e de São Pedro padroeiro dos pescadores em junho. Participavam da procissão marítima, danças de congo e freqüentavam as praias da Concha e da Conchinha.

Com o início das obras civis da Aracruz Celulose (hoje com o nome de Fibria) e do porto de exportação de celulose (Portocel) na década de 1970, houve uma imigração de famílias para a comunidade. A cada etapa da obra, novas famílias chegavam e permaneciam em Barra do Riacho sem nenhuma estrutura para absorver os novos moradores. Assim, segundo Santana (2006), dois terços dos habitantes são formados por retirantes e sem nenhuma identificação com a comunidade, com isso Barra do Riacho perdeu a sua identidade. População estimada em 10 mil habitantes, segundo relatório da Petrobrás (2007).

Hoje a comunidade encontra com várias empreiteiras da Fibria, além da Evonik, produtora de peróxido de hidrogênio⁹. Com a descoberta de petróleo e gás na costa capixaba, a Petrobras está realizando várias obras como o terminal de gás da Petrobras de Barra do Riacho, com isso mais empreiteiras surgem na localidade. Outra empresa que está sendo implantada na comunidade é a Nutripetro, empresa de logística em gás. Com isso, as transformações socioambientais continuam em Barra do Riacho.

A comunidade possui restaurantes e hospedagens simples, um comércio com bares, lojas, farmácias, mercearias, supermercado e padarias. É atendida pelos correios, agência do SINE¹⁰, agência do banco do Estado do Espírito Santo, um caixa eletrônico do Bradesco e um do Banco do Brasil, casa lotérica, creche, jardim de infância, uma escola municipal e uma estadual, posto médico, delegacia e por uma empresa de ônibus que liga a comunidade a sede e a outras comunidades do

⁹ Produto para branqueamento e oxidação utilizado na fabricação de papel e celulose.

¹⁰ Sistema Nacional de Empregos.

município, existe também uma linha de outra empresa que liga a comunidade a Vitória em um único horário. Possui também templos de várias denominações religiosas, projetos sociais e algumas associações como a de moradores, pescadores e colônia de pesca Z – 7.

A principal fonte de sobrevivência dos antigos moradores, apesar das dificuldades, continua sendo o mar, mas a pesca já divide a mão de obra com o serviço público, comércio, empresas e indústrias da região. Os moradores que chegam atraídos pela indústria, muitas vezes recorrem à pesca. O mar acolhe a todos.

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 ANTIGOS CENÁRIOS EM BARRA DO RIACHO

Segundo Coutinho (1994), por volta de 1850 havia na área de Barra do Riacho três grandes fazendas. A do Sr. Luís de Matos que ficava ao norte, tinha casa grande, senzala, canaviais e gado. A dos Pimentel que se dedicava mais a criação de gado, produção de farinha de mandioca, horta e pomar. E a dos Lobo que ficava ao sul, e tinha a sua sede na foz do rio Riacho, onde havia um casarão. Essa fazenda era chamada Flor da Barra, que se tornou o 3º núcleo populacional a surgir no município de Aracruz. Em 1912 o Sr. Antônio Lobo, fez a doação de 30 hectares para os posseiros em torno da fazenda, formando assim o povoado de Barra do Riacho.

De acordo com Rocha (2008, p. 179) D. Pedro II em sua viagem ao Espírito Santo, registra a hospedagem em uma dessas fazendas, “6 h chego à casa do Matos, de sobrado e sofrível no alto duma colina verde de onde domina o Riacho que lhe corre perto; a vista não é feia”.

Esta fazenda, que hoje só existe na lembrança dos antigos moradores, fez parte junto com o rio Riacho, manguezal, praias, festas e a mata atlântica de um cenário turístico que só viu quem conheceu Barra do Riacho até a década de 1970.

“Inclusive essa fazenda foi moradia do meu avô Quincas Matos, pai da minha mãe. Ele foi um dos donos dessa fazenda” afirma o morador João Azeredo¹¹.

Esta fazenda teve uma participação na economia Barrense com a pecuária, mas a principal fonte de renda da comunidade sempre foi a pesca, afirma o senhor Messias Augustinho Cordeiro¹²:

Sempre pesquei. Comecei pescar com o meu pai com 12 anos. Já saía na canoa com finado papai pra pescar né. Aí formei rapaz, me casei com moça daqui da Barra, e vivendo sempre de pesca. Eu não ganhei outro dinheiro a não ser o de pesca.

Segundo os moradores entrevistados, Barra do Riacho possuía uma comunidade fixa formada pelas famílias de pescadores. Durante a semana labutavam com os seus afazeres. Nos dias de calor aproveitavam para refrescar no rio e praias, nos finais de semana torcia pelo Riachuelo, time do lugar, e dançava nos bailes que eram promovidos. Também existiam as festas dos santos padroeiros que atraíam pessoas da região. “Rapaz tinha tanta coisa boa aqui na Barra que eu nem posso te dizer. Mas eu era menino, rapazinho novo, muita festa boa, tinha muito baile bom que *nois* dançava, oh meu Deus!”. Lembra com saudades o senhor Cordeiro.

Essas características do lugar somadas a receptividade dos moradores, segundo entrevistados, atraíam visitantes e veranistas nos períodos de férias que chegavam de Colatina, Linhares, Minas Gerais e São Paulo. Alguns desses visitantes possuíam casas já que o lugar não apresentava uma estrutura de hospedagem. Outros ficavam em casa de parentes. O convívio entre moradores e visitantes era o melhor possível, de dia dividiam a praia da conchinha, e à noite se encontravam no local que mais tarde viria a ser a Praça São Sebastião. “[...] passavam semanas, meses, férias né, os que tinham casas aqui. E as pessoas ficavam aí. Naquela época nós... era nossa época da juventude, a gente fazia nossa seresta na rua, tocava violão com as pessoas que vinham de fora né.” Afirma João Azeredo.

¹¹ Morador de Barra do Riacho em entrevista concedida em 27 de setembro de 2009.

¹² Morador de Barra do Riacho em entrevista concedida em 03 de outubro de 2009.

A chegada dos visitantes além de mexer com o convívio social dos moradores mexia com a economia do lugar. Os pescadores vendiam mais, atendiam a encomendas, tinham locais certos para a entrega do peixe quando chegavam do mar. E desta forma conseguiam o dinheiro tão esperado para poder dar uma vida melhor para a família. “[...]. Finado Arlindo, seu pai, era um dos pescador que vendia muito peixe pro pessoal de Colatina. E não ficava nenhum peixe encalhado aqui sem vender né. Sempre teve venda de peixe.” Afirma o senhor Cordeiro.

3.2 A PERCEPÇÃO DOS MORADORES E ATORES LOCAIS

“[...] Barra do Riacho vai ficar só na lembrança.” Afirma Paulo Flávio Machado¹³, presidente da Associação Comunitária de Barra do Riacho (ACBR). Ele e todos os moradores entrevistados falam de uma Barra que deixou de existir com a chegada da monocultura do eucalipto e como consequência a industrialização.

As primeiras alterações ocorreram no final da década de 1960. Segundo o comerciante Valdir Vieira¹⁴ a fauna e a flora foram destruídas:

Era tudo mata nativa, dava o nome de mata comprida daqui para Aracruz. Era só mata de 20, 30 metros que você parava assim e ficava olhando para a copa da árvore e lá em cima os passarinhos cantando, sem falar da cidade de pássaros que tinha por baixo. A Aracruz quando chegou aqui, eu acredito que ela matou, houve uma matança exagerada, matou foi milhares de filhotes de pássaros e de caça e ovos foram milhares de ovos de pássaros. Eles destruíram os ninhos porque eles botavam dois tratores com aquelas correntes, com aqueles elos grossos de mais de uma polegada cada elo, distância assim de 150 metros um do outro, e aquele trator D18 iam passando assim e as árvores só iam caindo. Então aqueles ninhos de pássaros que estavam naquelas copas morriam todos. Pássaros, caça andavam aqui no meio da rua aqui perdidos porque não sabiam pra onde correr, se acabaram. E depois que eles desmataram tudo isso daí, eles botaram placas, cada local eles botaram placa proibido caçar e pescar. Já tinham acabado com tudo.

¹³ Morador de Barra do Riacho em entrevista concedida em 05 de outubro de 2009.

¹⁴ Morador de Barra do Riacho em entrevista concedida em 05 de outubro de 2009.

O peixe sumiu com a poluição do rio causada pela indústria. Segundo o pescador Antônio Carlos Miranda¹⁵, a água era tão limpa que pegava peixe no rio atraindo-os com um facho de luz que os pescadores faziam, e voltava pra casa com 60, 70 quilos de peixe. Ainda segundo Miranda, hoje o pescador precisa ir cada vez mais longe para poder pescar, pois a Fibria (antiga Aracruz Celulose) possui barcaças que transportam eucalipto para o porto e quando elas passam arrastam as redes do lugar causando prejuízos.

As praias da concha e da conchinha deram lugar ao porto particular da Aracruz celulose. Continua Miranda:

Só que a praia boa mesmo era onde está instalado o porto hoje né, ali era o ponto turístico de Barra do Riacho. Então Barra recebia turista muito turista porque daquela praia. Depois diminuiu o turismo porque tomaram a praia boa né. Aí sumiu o pessoal turista.

Segundo os entrevistados, o bucolismo que existia, perdeu-se com a chegada dos trabalhadores para a construção da fábrica de celulose. A boa convivência entre moradores e visitantes deu lugar a um ambiente promíscuo, afirma senhor Valdir Vieira “A Barra do Riacho se transformou. Transformou em casa de prostíbulo, criou aí 5 a 6 casas, casas grandes de prostíbulo. Houve uma jogatina terrível, em cada esquina tinha uma banca de jogo, houve assassinatos.”

Com essas mudanças no cenário da comunidade, os turistas sumiram. Hoje Barra do Riacho só recebe pessoas que chegam à procura de empregos nas empresas que surgem a todo o momento. E os antigos moradores tiveram que aprender a conviver com as consequências negativas de um crescimento desordenado. Afirma o senhor Messias Augustinho Cordeiro:

[...] Hoje a gente não pode deixar nem uma filha da gente sair, quem tem as suas filhas solteiras fica com medo das moças sair na rua de noite e se sair, existe essa força de maconha, essa fama de gente ruim. Então são uns progressos que trais que tira mais alegria das pessoas.

¹⁵ Morador de Barra do Riacho em entrevista concedida em 03 de outubro de 2009.

Com a dificuldade da pesca, antigos pescadores precisam disputar emprego com novos moradores. E segundo Paulo Flávio Machado, presidente da Associação dos Moradores, eles encontram muitas barreiras. “Às vezes eu converso com pescador, eles tiram aí na semana R\$ 60,00, aí ele vai tentar fichar de ajudante numa empresa, e já tá velho, não pode fichar. É complicado, dá dó”.

Com as mudanças ocorridas, hoje os antigos moradores têm a percepção de que não valeu à pena apostar nas expectativas de 40 anos atrás. Que a monocultura não foi uma boa opção de desenvolvimento social e econômico para o lugar. As perdas foram maiores que os ganhos. Sobre isso Machado não tem dúvidas:

Eu vou falar uma coisa pra você, não valeu não. Falo do fundo do meu coração, não valeu não, eu acredito se esse lugar continuasse naquela fartura de peixe antigamente, hoje taria aqui a população melhor alojada aqui dentro, os filhos do lugar não tem mais lote pra eles, Barra do Riacho não tem pra onde crescer [...].

Ainda segundo Machado “Então eu cheguei a comentar um dia que a intenção futura é acabar com tudo isso aqui e a gente ter que abandonar, emigrar daqui.”

Os entrevistados afirmam que o turismo teria sido uma boa opção para Barra do Riacho. E ainda hoje se houvesse uma interferência do poder público, poderia trabalhar o turismo na comunidade e amenizar os problemas encontrados. Especula o pescador Antônio Carlos Miranda:

Ah sim, ia ser bom. Até pra gente, pra nós [sic] que somos pescadores ia abrir espaço pra nós [sic] ganhar dinheiro também né. Porque o turista, onde ele chega ele gasta dinheiro, e aí servia pra passear, tinha o barco pra passear com eles, tudo isso. Podia fazer um monte de coisa, passeio de rio, atravessar pra praia.

O turismólogo e Secretário Municipal de Turismo de Aracruz, Carlos Alberto Favalessa¹⁶, compartilha do pensamento dos moradores. Ele acredita que ainda é possível empreender uma recuperação turística em Barra do Riacho:

¹⁶ Entrevista concedida a Marcelo Ribeiro em 06 de outubro de 2009.

[...] talvez pontos específicos você tenha dificuldades, mas você tem todo entorno rico ou talvez também... rico que eu digo em atrativos, e talvez até o que está estruturado lá poderia ser aproveitado também, transformar em uma questão positiva para a atividade, para a população.

Mas segundo o próprio secretário, a Prefeitura de Aracruz não tem nenhum projeto de turismo para Barra do Riacho e o foco do município continua sendo a indústria, ficando limitado o trabalho da secretaria na região:

[...] desde que comecei a trabalhar nessa área e compreender um pouco mais da atividade e até dentro dos documentos do município, a gente tem muitas áreas voltadas para a indústria, então turismo ficou pouco... não é diferente do restante do município lógico, mas a gente sempre olhou, e sempre foi orientado, buscando informação sempre para a questão industrial.

Favalessa acredita que o turismo poderia salvar não só Barra do riacho, mas o Município de Aracruz se houvesse uma intervenção do poder político, mas acredita que isto está longe de acontecer, pois o estado tem uma cultura industrial que é acompanhada pelo município e isso limita as ações. E por mais que esteja sendo trabalhado, a classe política ainda não tem a percepção da importância da atividade turística.

3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um país com extenso litoral, o turismo de sol e praia possui importância singular ou pelo menos deveria ter. Os projetos de desenvolvimento socioeconômico nas comunidades litorâneas deveriam ser melhor analisados quando implantados.

Na década de 1960, a política de desenvolvimento socioeconômico, era focada na indústria. Era mais fácil instalar uma indústria que geraria empregos da “noite para o dia” do que investir no turismo. Aliás, não se pensava em turismo interno nem como lazer no Espírito Santo. Indústrias poluentes eram instaladas sem chance de questionamentos. Hoje os tempos são outros. O povo local quer ser ouvido e participar das decisões do lugar onde vive.

Com o tempo o turismo interno apresentou algumas mudanças. Foram criadas secretarias de turismos, vários turismólogos estão no mercado, muitas rotas e alguns roteiros foram criados. Mas é preciso avançar mais e ver o turismo como uma alternativa de desenvolvimento socioeconômico de uma região. O turismo precisa ser visto como algo que faz a diferença no dia a dia do morador do lugar receptivo e não só como opção de lazer do visitante.

Se quarenta anos atrás o turismo não foi pensado como uma opção socioeconômica para Barra do Riacho, com o cenário existente na época, poderia ter sido e mudado a atual situação da comunidade. Ainda hoje se houvesse uma interferência, um querer do poder público, teria jeito de recuperar e resgatar cenários fazendo com que os visitantes voltassem, ou até mesmo funcionários e prestadores de serviços das empresas que lá estão, mudassem o olhar sobre a comunidade e passariam a freqüentá-la. E assim antigos moradores, na maioria pescadores, que disputam vagas nas empresas e não conseguem, poderiam ter uma alternativa de trabalho para eles e suas famílias.

No entanto, as indústrias continuam sendo instaladas em Barra do Riacho, repetindo-se os problemas ambientais e socioeconômicos e a Prefeitura Municipal de Aracruz não tem nenhum projeto turístico para a comunidade. Torna-se fácil concluir que Barra do Riacho está fadada a perder por completo a sua identidade, e que o turismo interno precisa avançar muito para ser visto como uma alternativa nas comunidades litorâneas do nosso estado.

REFERÊNCIAS

AZEREDO, João. Aposentado da construção civil. Morador de Barra do Riacho. 57 anos. Em entrevista concedida a Marcelo Ribeiro em 27 de setembro de 2009.

BRACK, Paulo. **As monoculturas arbóreas no país que negligencia sua própria biodiversidade**. Disponível em http://www.inga.org.br/docs/parecer_monoculturas.pdf. Acesso em 15 de mai.2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de sol e Praia: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2008.

CALAZANS, Marcelo. **Violação de Direitos Econômicos, Sociais, Culturais e Ambientais na Monocultura do Eucalipto – A Aracruz Celulose e o estado do Espírito Santo**, Brasil. Disponível em <http://www.defesabiogaucha.org/textos/texto32.pdf>. Acesso em 13 de março de 2009.

CORDEIRO, Messias Augustinho. Pescador aposentado. Morador de Barra do Riacho. 82 anos. Entrevista concedida a Marcelo Ribeiro em 03 de outubro de 2009.

CORIOLANO, Luzia Neide M.T. **Do local ao global: O turismo cearense**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

COUTINHO, José Maria. **A Saga dos Coutinho de Barra do Riacho**. Rio de Janeiro: Edições Irmãos Unidos, 1994.

DEAN, Warren. **A Botânica e a Política Imperial: Introdução e Adaptação de Plantas no Brasil Colonial e Imperial**. Disponível em <http://www.iea.usp.br/iea/textos/deanbotanicaimperial.pdf>. Acesso em 06 de mai. 2009.

EMBRAPA. **Documento 38: Características da madeira de algumas espécies de eucalipto plantadas no Brasil**. Colombo - PR. 2000. Disponível em <http://www.cnpf.embrapa.br/publica/seriedoces/edicoes/docum38.pdf>. Acesso em 5 de mai. 2009.

ESPIRITO SANTO (Estado). **Rede de Comunicação**. Disponível em <http://www.es.gov.br/site/noticias/show.aspx?noticiald=99645235>. Acesso em 09 de jun. 2009.

FAVALESSA, Carlos Alberto. Natural do Município de Aracruz. Turismólogo. Secretário Municipal de Turismo. 42 anos. Em entrevista concedida a Marcelo Ribeiro em 06 de outubro de 2009.

FREITAS, J. Gaspar. **O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado**. Disponível em http://www.aprh.pt/rgci/pdf/rgci7f2_3_gaspardefreitas.pdf. Acesso em 12 jun. 2009.

GAZONI, J. L. Desenvolvimento Turístico no Trecho Sul da Costa Capixaba: uma proposta metodológica. **Revista Turismo & desenvolvimento**, Campinas, v. 2, n. 2, 2003.

YACCOUB, H. M. **A monocultura, a Aracruz Celulose e os quilombolas do Espírito Santo**. Disponível em

<http://www.adital.com.br/site/noticia2.asp?lang=PT&cod=19397>. Acesso em 17 mai. 2009.

MACHADO, Paulo Flávio. Trabalhador portuário. Morador de Barrado Riacho. Presidente da Associação Comunitária de Barra do Riacho. 41 anos. Em entrevista concedida a Marcelo Ribeiro em 05 de outubro de 2009.

MIRANDA, Antônio Carlos. Pescador. Morador de Barra do Riacho. 61 anos. Em entrevista concedida a Marcelo Ribeiro em 03 de outubro de 2009.

PETROBRAS. **Relatório de Impacto Ambiental**. Dutos Cacimbas – Barra do Riacho e Terminal Aquaviário de Barra do Riacho. Rio de Janeiro – RJ: Biodinâmica, 2007.

ROCHA, Levy. **Viagem de D. Pedro II ao Espírito Santo**. 3ª ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo : Secretaria de Estado da Cultura; Secretaria de Estado da Educação, 2008.

SANTANA, Adhemar. **Um povoado e suas História**. Vitória: Artgraf Gráfica Editora, 2006.

SODRÉ, U. Nunes. **O Verão e os Problemas do Turismo Litorâneo**. Disponível em <http://www.revistaturismo.com.br/negocios/litoral.htm>. Acesso em 25 mai. 2009.

VIEIRA, Valdir. Comerciante. Ex-vereador. Morador de barrado Riacho. 65 anos. Em entrevista concedida a Marcelo Ribeiro em 05 de outubro de 2009.